

DIV 22-2-49

# RIO ACIMA

RUBEM BRAGA

**P**EDAS cinco e pouco da manhã, ainda meio escuro, o «Juparanã» começa a mover lentamente sua roda traseira, e subimos a água barrenta do Rio Doce.

As margens são baixas, cobertas de matas que só vão ficando mais altas e cerradas quando nos afastamos do mar. Quem passa de avião vê apenas aqui uma floresta imensa, e não suspeita que em seu seio há léguas e léguas de lavoura de cacau.

Foram os baianos que trouxeram para o Espírito Santo sua experiência dessa cultura tão rude e original; foram eles que brocaram a primeira mata para a cultura, que plantaram no ar os trilhos da primeira «barcaça» e ergueram a chaminé do primeiro forno. Esses fornos em feitiço de sobrado, com raras portas e janelinhas miúdas, semelham casas de camponeses toscanos.

Hoje, a margem do rio em toda a parte mais baixa está ocupada pelo cacau; os caboclos vão requerendo terra cada vez mais para o norte, se afundando na mata.

Linhares floresce; no ano passado esse município produziu 160 mil arrôbas de cacau, e há muitos cacauzeiros que ainda não começaram a dar. Nas terras mais altas colhem-se 50 mil arrôbas de café e os belos pastos de jaraguá e sempre-vivo, com suas manchas olivas de colônias, que encontraremos mais para oeste, já alimentam 5.000 vacuns. O orçamento de um ano para outro passou de 140 a 520 contos.

Contam-me que o prefeito, um homem rico, chegou aqui como capataz de um baiano; ainda há muita terra para quem queira começar uma dura vida no mato.

Essa cultura de cacau é boa para netos: dura 100, 120 anos; cada pé de cacau é uma espécie de bem imóvel. O SESP, que pôs água limpa e esgôto em Colatina, atacou com enorme êxito o impaludismo e em muitas zonas o tifo, a disenteria, as verminoses de toda espécie.

Viajamos. O rio nesta cheia invade as florestas, mas o cacau se dá bem nesses igapós de léguas. Além das flexas de ubá e ingazeiros, embaúbas e palmeiras, avançam para a beira do rio, muito verticais, os jequitibás enormes, perobas, cedro, sapucaia, jacarandá, copaíba, uma multidão de gigantes que só a cultura do cacau poderia preservar. Mais para o sul — me avisam — uma concessão imprudente permite que uma companhia de Ferro e Aço devaste áreas enormes, semeando desertos nessa terra do Espírito Santo já tão exaurida em tanta parte pelas queimadas e erosões.

A viagem é lenta: o naviozinho atravessa o rio de vez em quando para arribar a um barranco onde uma bandeira branca acenou. A areia tem manchas escuras de um minério de ferro. Em Povoação o rio está desbarrancando o cemitério humilde; umas cruzes já caíram, outras pendem para a corrente. E numa fazenda, «Primorzinho», o barco leva tempo para sair, porque um cachorro que vinha a bordo resolveu passear em terra e outro cachorro de algum caboclo da terra entrou a bordo... E' preciso trocar os cachorros.

A viagem é monótona quase sempre nesse imenso rio barrento; mas de repente, quando vai escurecendo essa monotonia fica suave, e sonhamos em ficar a vida inteira assim, nesse naviozinho cordial e lerdo que bate na água com pachorra às pás de sua roda — a vida inteira assim, olhando as águas e as matas, sem que nada nem ninguém a bordo nos inspire ternura ou antipatia, apenas uma vaga simpatia e um vago tédio... E não ter pressa em chegar, nem pensar em nada que ficou rio abaixo, nem ao longo das praias do mar, nada que possa exaltar, nem ferir nosso cansado coração.

22. 2. 49